

A PRÁTICA DOCENTE

Aline Batista Ferreira¹

Célia dos Santos Soares

Orema da Silva

RESUMO:

O presente artigo relata algumas ideias de Paulo Freire, e como as mesmas são utilizadas na ação docente, bem como podemos adaptá-las.

A educação está em constante evolução, à realidade algumas vezes no remete a experiências importantes. Paulo Freire em seu livro Pedagogia do Oprimido em diversos trechos nos faz refletir a prática docente e buscar novas alternativas.

PALAVRAS-CHAVE:

Prática docente; Paulo Freire; Referenciais Freireianos.

A PRÁTICA DOCENTE RECOMENDADA POR PAULO FREIRE

Destaca-se que Paulo Freire foi professor da PUC (SP), no programa de pós-graduação: Educação (currículo) depois que voltou do exílio pelo período de 17 anos. Freire realizava reuniões secretas, era conhecido em diferentes países do mundo, Freire defende e acredita na flexão sobre sua prática como educador, e no diálogo constante que manteve com os educadores, educando-os com suas preposições políticas-pedagógicas.

No seguinte relato destacam-se pontos aprendidos com as obras de Paulo Freire, buscando maiores conhecimentos sobre o assunto. Os conhecimentos buscados a respeito da prática de ensinar auxiliam no dia a dia em sala de aula. A escola como um lugar especial.

¹Aline Batista Ferreira: Educadora Multimeios na Prefeitura Municipal de Igrejinha; cursou Geografia Licenciatura e Bacharelado 7 semestres (de 8 para terminar o curso) na Universidade de Passo Fundo; graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia na Universidade Leonardo Da Vinci; trabalhou como professora de Geografia entre 2002 e 2004 e em 2005 como agente de apoio educacional na Prefeitura Municipal de Igrejinha; entre 2010 e 2011 como secretária de escola na Prefeitura Municipal de Três Coroas e a partir de 2012 como educadora multimeios na Prefeitura Municipal de Igrejinha.

Célia dos Santos Soares

Orema da Silva

Para Paulo Freire, escutar os seus alunos era algo extremamente importante visando suas necessidades e expectativas sejam completas na proposta de trabalho, e o que poderia ser desenvolvido ao longo tempo pré-definido, isso acontecia de forma descontraída, arrumada em circulo ambiente, propicio para o diálogo onde os participantes podiam ver face a face outras pessoas do grupo.

Paulo Freire nos ensina em sua prática docente que a escola é um lugar especial do professor, um lugar de luta e esperança, onde o professor tem a autonomia frente a sua classe docente, onde tem como objetivo principal passar o conhecimento para os educandos, como se os docentes fossem responsáveis por todos os males da humanidade.

É na escola que o ser humano passa os melhores momentos de suas vidas, eis que são as oportunidades que o educador tem de observar cada aluno com um olhar reflexivo, cheio de esperança e desejo de ensinar e por outro lado aprender, aprender coletivo, aprender multiplicando o conhecimento, tornado o homem cada vez melhor.

O educador se torna melhor ouvindo mais e produzindo menos, realizando algo que os alunos sejam os protagonistas da situação que estão inseridos. Deixando de serem mestres, e sim serem conduzidas pelo emaranhado de ideias e conhecimentos adquiridos pela cultura dos nossos educandos, ideias estas que assustam profundamente nossos professores, como se os mesmos fossem perder o controle do educar e junto o respeito que entre outros é considerado valores.

Ao contrario, se revermos nossas práticas de ensinar, e com estudo das propostas de Paulo Freire, é possível refletir e nos desacomodar, sendo assim ao entrarmos em sala de aula e nos depararmos com situações que suspeitamos que vá sair controle, possibilita ao professor pedir ajuda ao grupo de alunos ou a comunidade escolar.

A escola existe para os alunos, não para o professor, e se é para os alunos, qual a participação deles na organização do espaço, da rotina, dos projetos que se tem a pretensão de desenvolver. É no ambiente escolar que se cria relações de confiança e sabedoria de ambas as partes, sendo fruto histórico de conhecimento, ampliação de conceitos e saberes, projetos de inovação, a magnitude desse espaço é poder afirmar que é uma “fábrica de saberes sociais e culturais”.

A escola não é somente um lugar para estudar, é também um lugar para se criar amizades, aprender diferentes culturas, conversar, demonstrar suas insatisfações, discutir, fazer política e principalmente dialogar.

Escola pode ser definida como o ambiente das relações sociais que desenvolve e requer conhecimentos, intimamente ligados a sociedade, todo ser humano tem capacidade de aprender, depende apenas do tipo de comunidade que esta inserido.

O aprendizado é de suma importância desde o nascimento da criança, sendo fundamental levar em conta as primeiras experiências de aprendizagem da criança na relação pai/mãe e os demais membros da família, este grupo social, vem com um peso enorme na formação do caráter do ser humano, que vai levar consigo até o fim dos seus dias, não sendo essa etapa da vida da criança de responsabilidade do professor, a família é base da criança até chegar na idade escolar.

Logo após vamos para o segundo grupo da aprendizagem do ser humano, que é a escola, todos precisam de tempo para aprender na escola, na família e na cidade. Quando os pais se colocam na posição correta, de verdadeiros responsáveis pela criança, fica mais fácil à aprendizagem contando com o apoio da família e da comunidade. Mas, para isso é preciso que a escola esteja aberta a comunidade e os docentes preparados para recebê-los de forma transparente, segura e acolhedora, respeitando a opinião da comunidade escolar. Com esta troca, todo o corpo docente da escola se transforma, de forma mais leve e significativa, respeitando e sendo respeitada.

Deve haver uma troca entre de ideias entre a escola e os pais, solicitando a estes opiniões, sugestões no sentido em manifestar e aguçar a criatividade, sugerindo trabalhos que gostariam que seus filhos desenvolvessem, portanto, não significa que o docente não esteja dando conta do recado, mas comprova que está apto a aceitar novos desafios e novos conhecimentos.

Contando com a comunidade para ajudar significa transformar a proposta em projeto, e junto adquirir novos conhecimentos para com o todo como: escola, aluno e comunidade, onde com certeza jamais se esquecerão deste ato tão singelo e significativo, pois a escola deixa marcas tanto positivas quanto negativas. “Não há ensino e aprendizagem fora da procura, da boniteza e da alegria” dizia-nos Paulo Freire.

Nos dias de hoje é preciso cada dia mais acreditar na educação como fruto de renovação de

uma geração que pode se dizer “oprimida incompreensiva desfavorável”, em muitos estados com professores mal pagos, muitas vezes ridicularizados pelos alunos e pela comunidade, como também uma política desacreditada que esta colocando, acima de tudo, os seus interesses e deixando de investir na própria nação que é a que mais sofre, muitas vezes por falta da estrutura dos próprios professores, assim como por deficiência na alimentação escolar, transportes, entre outros. O que se vê é a urgência de uma reflexão sobre a prática docente do nosso dia a dia.

Devemos nos colocar diante de nossa classe e dos responsáveis por nossa escola, com todos os itens citados acima, e em conjunto analisar como o nosso aluno esta chegando à escola e se portando no ambiente de ensino. Será que ele esta afim que despejamos todo o conteúdo em cima da mesa e abrimos a cabeça dele, colocando todas as informações necessárias para adquirir as habilidades necessárias para a sua faixa etária.

Considerando essa reflexão, graças a Paulo Freire, a prática docente pode ser mudada, contribuindo para uma vida profissional mais feliz, escutando mais e falando menos, não julgando o próximo, se colocando diante das situações antes de julgar, procurar ensinar a partir da realidade da sociedade, com a participação de todos, e ainda revendo práticas, melhorar, ajudar e compartilhar com os colegas docentes.

A cada palavra lida sobre as reflexões de Paulo Freire fica o questionamento sobre a importância da preocupação com o ser humano, e nós profissionais da educação que possuímos uma enorme responsabilidade com o próximo, pois trabalhamos com crianças, sendo um ser em formação e transformação.

A realidade encontrada nas escolas é diversificada, encontramos crianças onde falta até produtos para suprir as necessidades básicas diárias e isso nos remete a ideia de humanização, importante no contexto social, sendo opcional garantir a humanização ou negá-la.

No nosso país, e considerando a região onde residimos, é importante destacar as diferentes culturas vão se constituindo ao longo do tempo, sendo a liberdade, a justiça e luta dos oprimidos uma busca pela humanização, sendo ela uma busca para alcançar diversos outros fins, como cita FREIRE (2002, p.30) “A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalie nação, pela afirmação dos homens como pessoas, seres para si.” A luta deve ser permanente, resultando pela determinação da classe social envolvida que possui como consequência a exploração e opressão.

Quando pensamos que nossos alunos também podem ser opressores ou oprimidos novamente nossas ideias correspondem as de FREIRE (2002, p.30):

“A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura outra vocação – a do ser menos.” Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a luta contra quem os faz menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam de fato opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.

Ao refletir essa ideia percebemos que na sala de aula em alguns momentos somos opressores ao não escutar o que a criança quer nos dizer, precisamos de transformação e a mesma só é possível mediante um diálogo constante e permanente entre as partes.

Quando nossa educação baseia-se no respeito às diferenças e aos saberes anteriores novamente somos remetidos às ideias de FREIRE (1996.p: 33)

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na – mas, também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir, discutir com os alunos a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos

Precisamos ensinar os alunos a serem cidadãos críticos, já que isso não ocorre automaticamente e sim através de um processo que deve ser construído gradativamente, como relata FREIRE (1996, p. 35-36):

[...] a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de ‘irracionalismo’ decorrentes do ou produzidos por certo excesso de ‘racionalidade’ de nosso tempo altamente tecnologizado.

A curiosidade deve ser despertada para que ocorra um aprendizado significativo, através de pesquisa, investigação, isso nos remete da consciência crítica, pois precisamos conhecer para opinar como destaca FREIRE (1996, p. 35-36) “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital”.

FONTES:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.